

ESCANDINAVOS E NORTE-AMERICANOS NA AMÉRICA DO SUL? NOTAS ACERCA DE UM PROJETO DE COLONIZAÇÃO UTÓPICA A PARTIR DA IMPRENSA (1902-1914)

SCANDINAVIANS AND AMERICANS IN SOUTH AMERICA? NOTES ABOUT A UTOPIAN PROJECT OF COLONIZATION FROM THE PRESS (1902-1914)

Gerson Pietta¹

Endereço: Universidade Federal do Paraná, Rua General Carneiro, Centro,
CEP: 80060150 - Curitiba, PR – Brasil.
E-mail: gersonpietta@hotmail.com

Renato Lopes Leite²

Endereço: Universidade Federal do Paraná, Rua General Carneiro, Centro,
CEP: 80060150 - Curitiba, PR – Brasil.
E-mail: renato.lopes.leite@gmail.com

Resumo: Busca-se no texto efetuar algumas reflexões acerca de um projeto de imigração de origem norte-americana e escandinava em alguns territórios da América do Sul, tendo como centro para análise do conflito uma frente de colonização específica, vinda do Estado da Califórnia-US e outras ramificações organizadas por John Albertus, um russo-finlandês. As concorrências e os conflitos serão abordados a partir de fontes oficiais, mas sobremaneira advindas de periódicos semanais brasileiros do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro e internacionais da Califórnia, que circularam entre 1906-1914 e trataram dos bastidores do projeto utópico de colonização socialista que se buscava concretizar.

Palavras-chave: Norte-americanos, Escandinavos, Colonização e imigração, Utopia.

Abstract: Search in the text make some reflections about an immigration project of North American and Scandinavian origin in some territories in South America, with the center for analysis of the conflict a front of specific, colonization from the State of California and other branches organized by John Albertus, a Russian-Finnish. The competitions and conflicts will be tackled from official sources, but particularly coming from Brazilian weekly journals of Paraná, São Paulo and Rio de Janeiro and the California american periodicals that circulated between 1906-1914 and treated the scenes of the utopian socialist colonization project that sought to be fulfilled.

Keywords: North Americans, Scandinavians, Colonization and Immigration, Utopia.

1 Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História e Regiões pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) Paraná. Doutorando em História na Universidade Federal do Paraná. Financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

2 Possui graduação e mestrado em História pela Universidade de Brasília (1989, 1993), e doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (1997), onde é professor associado. Fez Pós-Doutorado na Universidade de Coimbra/2000, e na Universidade da Califórnia (UCLA) em Los Angeles/2012.

Introdução

A análise pretende compreender como se deram algumas relações conflituosas acerca de um projeto de imigração e colonização no sul da América. O recorte temporal evidencia em 1902 o início da propaganda por parte da Cooperativa e seus administradores nos Estados Unidos da América, e o ano de 1914 é o último momento em que se encontra tal projeto utópico vinculado ao Brasil. Intenta-se responder a questões como quem eram esses imigrantes? Quem liderava esse grupo de imigrantes? Qual projeto foi esboçado perante as administrações estaduais e federal? Por que pretendiam colonizar aquela região fronteiriça da América do Sul? Que obstáculos foram cruciais para a não efetividade do projeto? Quem eram os intelectuais e políticos envolvidos na negociação? Quais foram as narrativas que a imprensa produziu diante da opinião pública nacional? Que forças estavam em jogo?

Analisar publicações em periódicos impressos permite-nos fazer algumas reflexões que não se pretende generalizadoras, mas específicas do contexto de sua produção. Nesse sentido, os jornais serão utilizados no intento de dar visibilidade a toda complexidade histórica do projeto que se organizava. O apreço histórico dos jornais como fonte e objeto foi evidenciada, conforme aponta Tânia Regina De Luca³, somente na década de 1970, persistindo um certo preconceito para seu uso desde a revolução documental. Para a historiadora, a crítica feita pelos historiadores dos *Annales* aos historiadores metódicos na década de 1930 não constituiu o reconhecimento dos jornais na pesquisa histórica. No entanto, a partir de 1970, a fonte jornalística significou a ampliação de horizontes, permitindo novas abordagens de aspectos cotidianos, políticos, sociais e econômicos, representando assim fragmentos da história que nos ajudam a apreender o momento histórico. Conforme inferiu De Luca⁴, é mister estar atento à dinâmica dos grupos intelectuais que compõem os argumentos na imprensa, bem como a apresentação da ordem material e tipográfica como papel, capa, ilustrações, propagandas e paginação. A análise da natureza da publicação deve levar em conta o caráter relacional entre texto, iconografia e as formas de utilização e sentidos adquiridos no interior do periódico.⁵

Assim, buscamos entender os argumentos positivos em relação à imigração, sem perder de vista os grupos de imprensa que minavam o projeto na opinião pública. É necessário compreender o conteúdo posto em circulação, escrita e imagens, seja como propaganda – por parte dos periódicos estrangeiros e nacionais –, seja como crítica –

3 DE LUCA, T. R. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

4 DE LUCA, T. R. *Leituras, projetos e (re)visita(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

5 *Idem*, p. 03.

por parte dos estadistas e da imprensa nacional –, que foram fruto de escolhas, seleções e recortes por parte dos interessados. A exploração de outras fontes, como mensagens de governo, ocorrerá de forma a preencher algumas lacunas de compreensão deixadas pelos recortes da imprensa.

A pesquisa partiu da análise da atuação de João Candido Ferreira (1864-1948), que, durante o início do século XX, experimentou o sabor da política. Eleito em voto direto para vice-governador do Estado do Paraná, entre os anos 1904-1908, esteve à frente do poder durante o ano de 1907, ano em que o Presidente do Estado, Vicente Machado da Silva Lima (1860-1907), permaneceu adoecido e por consequência faleceu. É a partir desse acontecimento que João Candido se estabeleceu no campo de conflito político do processo de imigração advindo da Califórnia-US.

A aproximação da trajetória de João Candido Ferreira a esse projeto imigrantista utópico emergiu de seu contato com John Albertus, presidente da *Universal Cooperative Brotherhood*, durante os anos que esteve à frente do poder no Estado do Paraná. O primeiro contato ocorreu por meio de um memorial enviado por Albertus a João Candido, conforme aponta o jornal curitibano *A República*, de 27 de agosto de 1906. O memorial buscava informações a respeito das condições de o estado receber uma colonização espontânea.⁶ A Cooperativa tinha sede em San Francisco – Califórnia, e utilizou os jornais da cidade para argumentar e propagandear seu projeto colonizador no início do século XX.

João Candido possuía também contato político com o então Presidente do Brasil, Afonso Penna, um incentivador de novas frentes de colonização do território ou do “povoamento do solo”, conforme apontou Afonso Penna em *Mensagem ao Congresso Nacional*, no ano de 1907.⁷ Na concepção de Penna, havia necessidade inadiável de acionar o povoamento do extenso e ermo território, tanto que no mesmo ano lançava as novas Bases Regulamentares para o Serviço de Povoamento do Solo Nacional, com o Decreto nº 6.455, de 19 de abril de 1907. Esse regulamento será utilizado como base para um Regulamento Estadual no Paraná, assinado por João Candido no mesmo ano. No governo de Penna, chama atenção o Ministro da Viação e Obras Públicas, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, que ficou à frente da pasta durante os anos de 1906 e 1909.⁸ Miguel Calmon era o principal mediador entre governo estadual e federal nas questões do povoamento e da viação, e ainda foi o responsável pela assinatura das Bases Regulamentares para o Serviço de Povoamento do Solo.

6 COLONIZAÇÃO espontanea. *A República*, Curitiba, p. 2, 27 ago. 1906.

7 PENNA, Afonso. *Mensagem de Afonso Penna ao Congresso Nacional*. Rio de Janeiro, 1907., p. 29. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/afonso-penna/mensagens-ao-congresso/afonso-penna-mensagem-ao-congresso-nacional-1907> Acesso em: 03 nov. 2016.

8 Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/afonso-penna/equipe-de-governo/ministerios> Acesso em: 02 nov. 2016.

Imigração, teses e projetos no Brasil (1906-1909)

Em relação aos projetos nacionais, Giralda Seyferth⁹, avaliando as grandes modificações ocorridas na passagem do Império para a República, afirmava que pouco mudou em relação aos “princípios de colonização europeia” vigorantes no Império até a Abolição. No entanto, a partir dos anos 1890, discussões acerca do “tipo nacional”, relacionadas à ideia morfológica de raça e à “questão da assimilação” ligada à formação nacional se fizeram presentes.¹⁰

Examinando mensagens do Presidente ao Congresso Nacional, mensagens do Presidente do Estado ao Congresso Legislativo, constatou-se que durante as primeiras duas décadas republicanas, entre 1889 e 1909, o Brasil experimentou novas políticas no que se refere à imigração e colonização de seu território nacional. Por exemplo, pode-se citar o Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890, no qual, em seu item *Da Introdução De Immigrantes*, e em seu artigo primeiro estipula a livre entrada pelos portos de “indivíduos válidos e aptos ao trabalho”; no entanto, existe uma exceção: “indígenas da Asia e da Africa”.¹¹ O Governo Republicano passou, portanto, a restringir ou ao menos dificultar a imigração de asiáticos e africanos. No entanto, esse artigo foi modificado pelo Decreto nº 6.455, de 19 de abril de 1907. O período aqui abordado reflete um momento de amadurecimento de projetos de nação que por vezes aproximou-se de projetos utilizados em nações americanas como Argentina e Estados Unidos da América, considerados bons exemplos no quesito colonização. Isso permite-nos pensar a produção discursiva de uma rivalidade, no sentido de disputa por quem seria mais apto a receber frentes imigratórias buscando a colonização de seu território.

Afonso Penna, em *Mensagem ao Congresso Nacional*, em 1907, evidenciou com afinco um dos grandes problemas a serem solucionados: o divórcio entre “viação e povoamento” no país. A viação férrea era por ele considerada fator primeiro para o progresso da nação, e pregava uma orientação racional para sua aplicação. Os exemplos utilizados eram a América do Norte e a Argentina, países em que a expansão das estradas de ferro fazia afluir incontáveis números de imigrantes estrangeiros para a criação de novos centros de civilização.¹² No Brasil, relatava Afonso Penna, tal estratégia não se efetivava por conta da desconexão entre a viação e o povoamento.

Mesmo antes de assumir a presidência do país, Afonso Penna visitou o Estado do Paraná. Sua estadia nas terras dos pinherais acelerou os ânimos da imprensa paranaense, a exemplo do jornal *A Notícia*, de 09 de agosto de 1906, que cobriu a visita

9 SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. Revista USP, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.

10 Idem, p. 126.

11 “Art. 1º E’ inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas.” (Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890).

12 PENNA, Afonso. Op. Cit., p. 44

de Afonso Penna e João Candido Ferreira nas cidades de Curitiba, Antonina e Paranaguá. Em 05 de agosto de 1906, no banquete oferecido a Penna, João Candido proferiu um *Discurso* defendendo seu programa para o Estado e a Nação, que se assentava na “(...) tripode luminosa: instrução, viação e colonização.”¹³ Na conferência do banquete, João Candido Ferreira fez uso do exemplo estadunidense como modelo para o país.

Hoje estou bem convencido que a instucção é o grande eixo que põe em movimento todos os factores da prosperidade, da grandesa e felicidade de um paiz. Basta olharmos para aquelle colosso que se chama America do Norte, para aquella ascenção vertiginosa de um povo, na escala de uma prosperidade que assombra, para termos a prova eloquente e insofismável do milagre que pode produzir a instrucção em todas as suas modalidades.¹⁴

Tal interpretação era originária das leituras feitas por João Candido no livro *A América em trabalho*, de autoria de John Foster, em que defendia a instrução como responsável pelo desenvolvimento econômico dos Estados Unidos da América.¹⁵ A *Mensagem ao Congresso Legislativo*, dirigida por Vicente Machado, em 1º de fevereiro de 1907, trazia uma pitada de temas polêmicos: o clima, a raça e a colonização. O Presidente do Estado assegurava que

Possuindo, sobre a maioria dos Estados da União a incomparável vantagem de um clima temperado admiravelmente propicio as raças europeias, não podia o governo do Estado descurar-se do povoamento do sólo, como factor a que diretamente se prende o fenômeno da producção.¹⁶

Clima propício à raça europeia, preocupação com o povoamento do território paranaense – que naquele momento ainda era falho –, trazer imigrantes laboriosos: esta era a tônica do discurso de Vicente Machado da Silva Lima. Há sólidas evidências de que os saberes climatológicos advindos do campo médico foram utilizados pelos

13 FERREIRA, João Candido. Discurso. In: Retrospecto. Curitiba: Livraria Mundial, 1920. p. 162-168 (p.165). Durante o governo de Vicente Machado e João Candido, foi Secretário de Obras Públicas e Colonização o Engenheiro Francisco Beltrão, caracterizado pelo jornal *A Republica*, no texto “A Demarcação da Fronteira do Sul”, de 24 de dezembro de 1917 como homem de “conduta sempre irreprehensível, sempre serena e methodica, influido no adiantamento do Estado”. Foi comissário de terras de norte a sul do Estado, recolhendo dados para a carta geral do Paraná. *A DEMARCAÇÃO da Fronteira do Sul*. *A Republica*, Curitiba, p. 01, 24 dez. 1917.

14 Idem, p. 165.

15 O livro *America at Work*, de autoria de John Foster Fraser teve sua primeira edição publicada em março de 1903. Os vinte e dois (22) capítulos do livro foram publicados a partir de um estudo jornalístico financiado pelo periódico *The Yorkshire Post* que propunha uma investigação em primeira mão, da forma como eram geridas as grandes preocupações industriais. Para tanto, Foster utiliza de comparações entre o modelo britânico e o modelo americano. Segundo o autor, suas anotações e escritos eram produzidos para leitores britânicos. Chamamos atenção para os capítulos *How Railway Engines are Built*; *Commercial Training in New York*; *The American Farmer*; *Agricultural Colleges and Experiment Stations*; *Methods of Business in Chicago*; *The American Working Man*. Estes capítulos são ricos no quesito instrução por meio de colégios, escolas técnicas e escolas científicas. FRASER, John Foster. *America at work*. Cassell and Company Limited, 1905, p.3. Disponível em: <https://archive.org/stream/americatwork01frasoog#page/n3/mode/2up> Acesso em: 09 dez. 2016.

16 SILVA LIMA, V. M. *Mensagem ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná* dirigida pelo Dr. Vicente Machado da Silva Lima, Presidente do Estado ao instalar-se a 2ª Sessão da 8ª legislatura em 1.º de fevereiro de 1907. Curitiba, 19=07, p. 18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720453&pasta=ano%20190&pesq> Acesso em: 03 nov.2016.

políticos, de modo a definir tipos físicos e raciais para a colonização.¹⁷ O historiador da ciência, Flavio Edler¹⁸, invoca que, com a emergência da geografia médica, passou-se a interligar a questão do clima com a da raça. Acreditava-se que o homem que vivia em climas frios, quando exposto a ambientes quentes, passava por um estado de decadência. Era o conceito de aclimatação que estava em jogo. Boudin, importante figura da geografia-médica originada na França, acreditava que o cosmopolitismo humano era falho. Sua hipótese era de que o “fato de que o homem ter podido se adaptar, em certa medida, a um clima distinto daquele em que nascera, não se deveria presumir que essa qualidade fosse ilimitada”.¹⁹ Ou seja, havia uma diferença nos significados de adaptação e aclimatação. O primeiro levava em conta apenas a preservação da espécie. Já o segundo levava em conta a “conservação integral das faculdades físicas, intelectuais e morais.”²⁰ Assim, com base em seus estudos, Boudin afirmava que os negros fora dos trópicos e expostos ao frio teriam suas faculdades mentais prejudicadas. Da mesma forma, a morte de demasiados europeus nas colônias tropicais era explicativa do não aclimatação.²¹

Essas teorias legitimariam os projetos imigratórios dos governantes. Para os envolvidos, era juntar o útil ao agradável.²² Os argumentos estavam delimitados e a propaganda era colocada em prática. Quando da instituição do *Regulamento de Colonização do Solo no Paraná*, em 1907, o jornal carioca *L'Étoile du Sud: Journal Politique, Littéraire et Financier*²³, cujo diretor e redator chefe era Ch. Morel, propagandeava o Estado do Paraná como bom ponto de imigração europeia. Intitulado *Etat de Paraná*, o texto afirmava:

On remarquera que les dispositions de règlement sont très libérales.

L'Etat de Paraná est d'ailleurs, – dans les conditions les plus favorables pour recevoir l'immigration Européenne. Si l'on en excepte une étroite zone du littoral, il est constitué en entier par un plateau élevé, à climat très tempéré. A Curitiba, sa capitale, le thermomètre centigrade descend souvent, pendant l'hiver à zéro et au-dessous.²⁴

17 João Candido Ferreira por sua vez formou-se em medicina em 1888, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, momento em que a Faculdade dialogava em sua maioria com a medicina francesa.

18 EDLER, Flavio Coelho. *A Medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

19 Idem, p. 66.

20 Ibidem, p. 66.

21 Ibidem, p. 67.

22 PIETTA, G.. *Medicina, eugenia e saúde pública: João Candido Ferreira e um receituário para a nação (1888-1938)*. Dissertação (Mestrado em História) – UNICENTRO. Irati, 2015, p.73.

23 O periódico era impresso em língua francesa. Para pesquisar tal periódico na Hemeroteca Nacional Digital, procurar por *Revue Commerciale Financière Et Maritime*.

24 ETAT do Paraná. *L'Étoile du Sud: Journal Politique, Littéraire et Financier*. Rio de Janeiro, p.2, 06 jul. 1907. Note-se que as disposições de resolução são muito liberais. O estado do Paraná está em outro lugar, – nas condições mais favoráveis para receber a imigração europeia. Se excetuarmos uma área costeira estreita, é feito na totalidade por um planalto, clima muito temperado. Curitiba, sua capital, o centígrado do termômetro decai muito, frequentemente durante o inverno para zero e abaixo de zero. [tradução nossa].

A intenção governamental era, conforme apontou Pietta²⁵, povoar o Estado de brancos laboriosos, ampliar a circulação econômica no território. Esta é uma evidência de que os próprios governantes investiam em propagandas nos periódicos. Conforme apontaram Skidmore²⁶ e Ramos²⁷, houve grande esforço por parte da diplomacia brasileira para delinear um retrato positivo do país por meio de propagandas, palestras, livros e exposições, no intuito de atrair capitais e imigrantes. Há ainda outra evidência relativa à população desejada no território. Vicente Machado da Silva Lima, em *Mensagem à Assembleia Legislativa do Estado do Paraná*, de 1907, esquecendo ou vedando os olhos para com os indígenas e negros que habitavam o território, relatava que: “com efeito, baldados seriam os esforços empreendidos na construção de estradas e difusão de escola, si não houvesse população bastante densa para utilizar taes benefícios.”²⁸

Vicente Machado argumentava que com a instauração do Regime Federativo, em 1889, o serviço de imigração se desorganizou e foi abolido. E os Estados, por não possuírem recursos, tornaram-se “senhores das terras devolutas”.²⁹ O Paraná, segundo o Presidente do Estado, foi prejudicado, pois os recursos eram insuficientes para reorganizar um serviço de imigração. No entanto, o advento de Afonso Penna junto à Presidência do Brasil e a posterior criação do novo Ministério da Agricultura trouxeram uma verba considerável para reorganizar os serviços e angariar estrangeiros.³⁰

Com a criação da Comissão de Colonização, por meio do Decreto n.1, de 2 de janeiro de 1907, iniciou-se a investigação de lotes devolutos e suas condições de aproveitamento. Eram incumbidas também de examinar as melhores terras públicas e particulares, indicando a nacionalidade e as aptidões dos colonos que deviam ocupar tais locais.³¹ O chefe da Comissão deveria estabelecer bases de serviços comuns com o Governo Federal. Segundo Pietta³², após a morte de Vicente Machado, o Vice-Presidente do Paraná, João Candido Ferreira, foi o responsável pela assinatura e instauração do Decreto n. 218, 11 de junho de 1907, que lançava as bases regulamentares para a colonização no Estado do Paraná.

25 PIETTA, Op.Cit., p. 74.

26 SKIDMORE, T. O Preto no Branco. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.142

27 RAMOS, Jair de Souza. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 1920. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Org.) Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p.59-82.

28 SILVA LIMA, Op.Cit., p. 18.

29 Ibidem, p. 19.

30 Ibidem, p. 19.

31 SILVA LIMA, Op.Cit., p. 19.

32 PIETTA, Op. Cit., p.74.

O contexto industrial norte-americano: propaganda da colonização utópica

Buscando respostas às questões que se colocavam, partimos para a análise de periódicos internacionais, sobretudo jornais das cidades de São Francisco e Los Angeles, que poderiam trazer algumas reflexões e hipóteses. Durante anos anteriores, em 1902, John Albertus participou de uma campanha publicitária em periódicos que visava angariar imigrantes suecos já estabelecidos nos Estados Unidos da América para a América do Sul. Um desses periódicos chamava-se *Vestkusten: Jornal Semanal Livremente Literal e Político para os suecos na América*. Impresso em língua sueca, John Albertus publicou propagandas durante os meses de maio a julho de 1902, por nove vezes³³. O título da propaganda em todas as publicações era “50.000 acres da melhor terra na América para ser doada gratuitamente”.³⁴ Em seu texto informativo constava:

FRIA HEM! FRIA HEM!

till personer som förena sig med kooperativa kolonien United Brotherhood of Industry hvarest medlemmarne kunna förtjena från \$1.76 till \$4.00 om dagen. För närmare underrättelser adressera, med frimärke för svar, J. ALBERTUS, 1031 MISSION ST., SAN FRANCISCO, CAL.³⁵

A publicidade estampada no jornal semanal falava em “casas livres”, que seriam doadas às pessoas que viessem a unir-se com a cooperativa. Havia também a promessa de pagamentos diários de 1,75 a 4,00 dólares, e os interessados deveriam enviar uma carta selada diretamente ao endereço de John Albertus.

No entanto, no dia 08 de maio de 1902, foi publicado no mesmo periódico *Vestkusten* um intrigante texto que dava alguma ideia do que seria essa colônia. O texto não possuía autoria, mas trazia relevantes informações que provavelmente foram utilizadas para propagandear a nova colônia e angariar novos imigrantes. Segundo a narrativa do texto, as colônias socialistas e comunistas, sucessivamente, haviam sido fundadas, testemunhando, sem dúvida, que em muitos corações havia um desejo de algo melhor do que a “artificialidade e a não naturalidade” daquela sociedade.³⁶ No entanto, reflete o texto, infelizmente, muitas das empresas colonizadoras já possuíam

33 As publicações no jornal *Vestkusten* aconteceram nos dias 8 de maio, 5, 19, 26 de junho, 3, 10, 12, 17 e 24 julho de 1902.

34 50.000 ACRES af det basta land i Amerika skankass bort gratis for (50.000 ACRES). Todas as traduções dos textos em sueco antigo encontradas no jornal *Vestkusten* foram efetuadas por Erland Kjellén, natural da Suécia e graduando em Estudos Latino-Americanos, pela Universidade de Estocolmo.

35 FOR DAGEN. *Vestkusten: Jornal Semanal Livremente Literal e Político para os suecos na América*. San Francisco, p. 5, 03 jul. 1902. Disponível em: <http://cdnc.ucr.edu/cgi-bin/cdnc> Acesso em: 05nov.2016. A tradução relata: “Casas livres! Casas livres!”

Para serem doadas para pessoas que se unam com a colônia cooperativa United Brotherhood of Industry onde os membros podem ganhar desde \$1,75 até \$4,00 por dia. Para mais informações contate, com selo para resposta, J. Albertus, 1031 MISSION ST., SAN FRANCISCO, CAL.”

36 VESTKUSTEN, Op. Cit., p. 1.

dentro delas a “semente do apocalipse”, que é resultante do objetivo maior por parte dos líderes de lucrar em cima das despesas dos participantes que desconhecem as regras. Havia, portanto, uma série de desconfianças por parte da população e imprensa para com esses novos projetos utópicos, segundo o texto, fadados desde seu nascer ao fracasso.

Mesmo assim, revela o jornal americano, continuamente novos planos eram pensados e novos líderes e iniciativas apareciam. Para tanto, relatava o escritor de *Vestkusten*

Eu acabo de conhecer nesses dias um Sr. J. Albertus, um sueco-finlandês excepcionalmente viajado e experiente, que está em São Francisco para recrutar seguidores para um novo plano de colonização comunista feito por ele. O espaço não permite nenhuma descrição completa para seu sistema, que em muito me parece tão utópico, que mal posso entender, como será possível para ele em algum momento realizar isso.

Mas a experiência mostra, que nada é tão idealístico, tão entendível, tão raro, tão excepcionalmente, tão – deixa eu simplesmente falar a palavra: barroco – que não existem seguidores ou pessoas que creem [nessa ideia]. Quando eu visitei o Sr. Albertus ele acabava de apresentar seu plano para um senhor americano e mostrar para ele uma lista das pessoas, que ele achava com certeza estarem convencidas pela causa. O americano exclamou, com olhos brilhantes: “Você pode sempre contar comigo. Eu sou um entusiasta desse tema. Não vou desapontar você”.³⁷

Ou seja, esse era um plano de colonização comunista que estava há muito tempo se delineando e amadurecendo – ao menos desde 1902. O narrador do texto, mesmo sem compreender como a ideia seria posta em prática, revela que, apesar de tão utópico e barroco – conceito que diz respeito a algo absurdo – John Albertus possuía seguidores. Segundo relato do narrador, que havia conversado com Albertus, ele teria recebido dos governos da Argentina, do Paraguai e do Brasil, respectivamente, “(...) uma promessa de um pedaço de terra com mais de 50,000 acres de solo fértil, de circulação livre e um empréstimo em dinheiro vivo junto com outros privilégios para umas duzentas, trezentas famílias de qualquer parte da terra.”³⁸

Tal promessa era, indubitavelmente, uma encantadora propaganda. Não há evidências que comprovam se os governos de Argentina, Paraguai e Brasil haviam prometido todos esses benefícios ao Sr. Albertus, no entanto, é possível assinalar que

37 *Ibidem*, p. 1. Segue o texto original, em língua sueca. “Jag har just i dagarna gjort bejantsjap med en mr J. Albertus, en ovanligt vidt berest och erfaren svenskfinne, som befinner sig i San Francisco för att värfva anhängare åt en af honom uppgjord ny kommunistisk kolonisationsplan. Utrymmet medgiver icke någon fullständig redogörelse för hans system, som i mycket förefaller mig till den grad utopiskt, att jag knappt kan förstå, hur det skall bli honom möjligt att någonsin förverkliga det.

Men erfarenheten visar, att ingenting är så idealistiskt, så obegripligt, så ovanligt, så utomordentligt, så – låt mig säga ordet rent ut: barockt – att det ej finnes anhängare och troende. När jag besökte mr Albertus, hade han just utredt sin plan för en amerikansk gentleman och visat honom en lista öfver personer, som han ansåg med säkerhet vunna för saken. Amerikanen utbrast, med lysande ögon: "På mig kan ni alltid räkna. Jag är en entusiast i det här ämnet. Jag sviker er inte".

38 VESTKUSTEN, Op. Cit., p.1.

ele havia entrado em contato com alguns responsáveis por governos estaduais e federal no Brasil. O jornal *A Imprensa*, do Rio de Janeiro, afirmou, em 1911, que John Albertus havia visitado o Estado do Mato Grosso “uns 15 anos antes”. Isso nos leva aos primeiros anos da República brasileira. No entanto, faltam-nos informações a respeito de tal contato com Paraguai e Argentina.

Em relação às pessoas que estariam aptas a associar-se à cooperativa, foi propagandeado um perfil base. Poderiam ser:

Qualquer pessoa, homem ou mulher, que tem mais de 18 anos, preparada para trabalhar e fazer sacrifícios para seus congêneres humanos, sã, sóbria, em posse de cinco dólares e capaz de salvar \$100 até o tempo, quando a colônia será iniciada, pode se tornar membro da “The United Brotherhood of Industry”, a nova organização, que o Sr. Albertus representa, e ao qual é presidente.³⁹

Assim, era necessário apenas ter boa saúde e estar disposto a sacrifícios pela construção da colônia, além de possuir um valor mínimo de investimento na *The United Brotherhood of Industry*. Não ficou evidente por meio da análise das fontes se existe uma diferença entre a *The United Brotherhood of Industry* e a *Universal Cooperative Brotherhood*. Em alguns momentos, John Albertos está ligado à primeira organização, e em outros momentos, à segunda.

Acerca da *Universal Cooperative Brotherhood*, em 12 de julho de 1907, o periódico *The San Francisco Call* trazia à tona algumas informações relativas aos projetos que a UCB classificava como prioridades. Com o título *Form Society to escape troubles of the world*, o texto evidenciava que outra *Universal Co-operative Brotherhood* estava preparada para estabelecer Colônias Utópicas.

The Universal Social Independent Co-operative Brotherhood and Unity of Commonwealth filed articles of incorporation yesterday with the county clerk, preparatory to affording a refuge for all persons who think the industrial world is doomed to disaster a desire to escape the grand catastrophe. As set forth with a profusion of capital letters the purpose of the organization is as follows:

“To peacefully associate some honest people, men and women, from every walk of life unto a fraternal order together in order to avoid the approaching bloody revolution and do away with the troublesome strikes by forming a better and more perfect unity for a brotherhood of man and woman in the spirit of justice and truth in righteousness, which unity shall not be dissolved while there are three members united therein.”

The brotherhood is to be divided into centers, designated as follows:

39 Idem, p. 1.

Divine or educational, creative, social, colonial, religious, commercial and grand central centers. It plans to establish colonies in the United States, on the isthmus of Panama and in the Argentine republic.⁴⁰

Desta forma, verificamos que o grupo que organizava essa Cooperativa intentava abrigo de um mundo industrial tido como catastrófico na vida em sociedade. Buscavam reunir pacificamente, dentro de ordem fraternal e unitária, pessoas honestas, a fim de evitar a “sangrenta revolução” que se aproximava e as constantes greves por intermédio da unidade fraternal. A irmandade em si seria dividida em variados centros, nos quais citava-se o divino ou educacional, criativo, social, colonial, religioso e comercial. Os rumos pretendidos da colonização eram os Estados Unidos da América, o istmo do Panamá e também a Argentina.⁴¹ Os responsáveis por tais projetos eram Alex Sarlandt, Ed W. Sarlandt, K. G. J. Sarlandt, Oswald C. Sarlandt, Ed F. Sarlandt, Alex Kask Sarlandt and John Kolman. Este provavelmente tenha sido um projeto muito semelhante ao de John Albertus, o que nos faz pensar a localidade de São Francisco como um lugar no qual fervilhavam os ideais de uma sociedade utópica.

Nas edições do mês de agosto de 1907⁴², o jornal *The San Francisco Call* evidenciava nos cadernos de classificados propagandas para a vinda de imigrantes para a América do Sul, afirmando:

1,000 MEN and women will soon leave for South America; a few hundred more wanted; \$7 a day and free fare. Call or send 10c for book of full information to Universal Cooperative Brotherhood, 727 Hayes st.⁴³

Havia naquele momento, um ano após o terremoto de abril de 1906, clara intenção da *Universal Cooperative Brotherhood* de organizar um movimento imigratório de San Francisco rumo à América do Sul, no entanto, sem especificar a localidade de tal colonização. Nesse momento, a UCB já possuía endereço próprio além de livros de informações acerca dos detalhes de tal viagem.

Em 19 de agosto de 1907, o jornal *The San Francisco Call* fazia propaganda de um projeto de colonização na Argentina, intitulado *Visions of Blissful Utopia Lure People into Colony Project* (Visões de uma utopia bem-aventurada atrai pessoas para projeto colonial). Conforme apontava o texto,

40 FORM Society to escape troubles of the world: Another Universal Co-operative Brotherhood Prepares to Establish Utopian Colonies. *The San Francisco Call*, p. 15, 12 jul. 1907.

41 Porém, na publicação do dia 26 de janeiro de 1908, o jornal *Los Angeles Herald* indicava que a utópica colônia na Argentina estava próxima de se esfacelar. O periódico apontou com o título *Brotherhood Near Dissolution* que a notícia vinha diretamente de San Francisco e afirmava: *The beginning of the end of the Universal Co-operative brotherhood, which was formed to found an Utopian colony in Argentina along the lines of Dowie's Zion City, is foreshadowed in a suit brought by W. C Shepard today for \$5000 attorney's fees and \$300 expenses for services rendered the brotherhood, from October, 1907, to January, 23, 1908. BROTHERHOOD Near Dissolution.* *Los Angeles Herald*, p. 3, 26 jan. 1908.

42 Nos referimos às publicações dos dias 9, 10, 11, 12, 14, 17, 19, 22, 23 e 24 de agosto de 1907.

43 THE SAN FRANCISCO CALL, São Francisco, p.10, 09 ago. 1907.

According to their statements they are out lustily to form a model city 1,400 miles up the La Plata river where the Argentine government has conceded them a few million acres where strikes shall not be, neither trusts nor corporations nor prosecutions nor any of the disagreeable things which ward off life's ennui.⁴⁴

Havia, portanto, interesses por parte do governo argentino de absorver esse movimento imigratório, já que, segundo o jornal, estavam dispostos a recepcioná-los com uma grande área para colonização. O que chama a atenção na citação é o indicativo da fuga de sua realidade, a fim de escapar das ocasiões de greves, corporações, perseguições e das coisas desagradáveis que afastariam o tédio da vida. Porém, o texto termina com uma conclusão provocadora.

This latest vision differs but little from the thousands of others which have preceded it – and is meeting with the same financial support from a certain portion of the public which pays its money into the hands of the promoters. The circulars and arguments are peculiar mixtures of biblical phraseology and socialistic rantings.⁴⁵

Para o jornal, o discurso utilizado pela Cooperativa não diferia de muitos outros que o precederam, e que as circulares e os argumentos eram característicos de “(...) fraseologia bíblica e devaneios socialistas.” No entanto, ressaltava o texto, visionário ou não, os promotores estavam atraindo uma grande classe de pessoas. Existia, portanto, uma infinidade de propagandas imigrantistas que circulavam no Estado da Califórnia, especialmente advindas de centros populacionais e industriais como Los Angeles e São Francisco, que buscavam, sobremaneira, uma imigração espontânea para a América do Sul.

John Albertus no Brasil e seu plano no Paraná

O periódico *A Imprensa*, de propriedade da Sociedade Anonyma Progresso, nos dias 05, 12 e 22 de março de 1911, segundo análises de Pietta (2015), publicou três matérias intituladas *20.000 colonos da America com 1.000 dollars ouro ou 20.000.000 de dollars desejam vir para o Brasil - Um projecto grandioso de colonização - Cidade modelo* e traziam detalhes do plano que ocorreu anos anteriores.

Na matéria, afirmava-se que foi feita uma entrevista com o responsável pelo plano imigratório, o Dr. Albertus. Este afirmou que tais imigrantes estavam situados na Califórnia e, em função de um grande terremoto em São Francisco, houve um grande

44 Idem, 19 ago. 1907, p. 14.

45 Ibidem, p. 14.

êxodo daquela cidade para várias partes do mundo, parte seguindo ao Canadá. Segundo o periódico *A Imprensa*, houve grande receio de quem continuou em S. Francisco, de “viver sobre um vulcão”.⁴⁶ Oportunamente apareceu em cena John Albertus, pensando em executar um plano de nova colonização. Referindo-se a ele, relatou o periódico:

Havendo viajado muito e com conhecimentos práticos sobre agricultura e sendo familiarizado com industrias em geral, elle pensou na magnifica oportunidade que então havia de iniciar-se a colonização de toda aquella região em volta de Sete Quedas, alto Paraná, no Brasil.

Tendo visitado uns 15 annos antes o Estado de Mato Grosso e Paraguay e pensando que especialmente os férteis campos de Vaccaria, em Mato Grosso, serviriam para o fim que então tinha em vista, não perdeu mais tempo, dirigindo se aos respectivos governos, indagando das condições em que poderia obter as terras necessarias para o seu projecto.⁴⁷

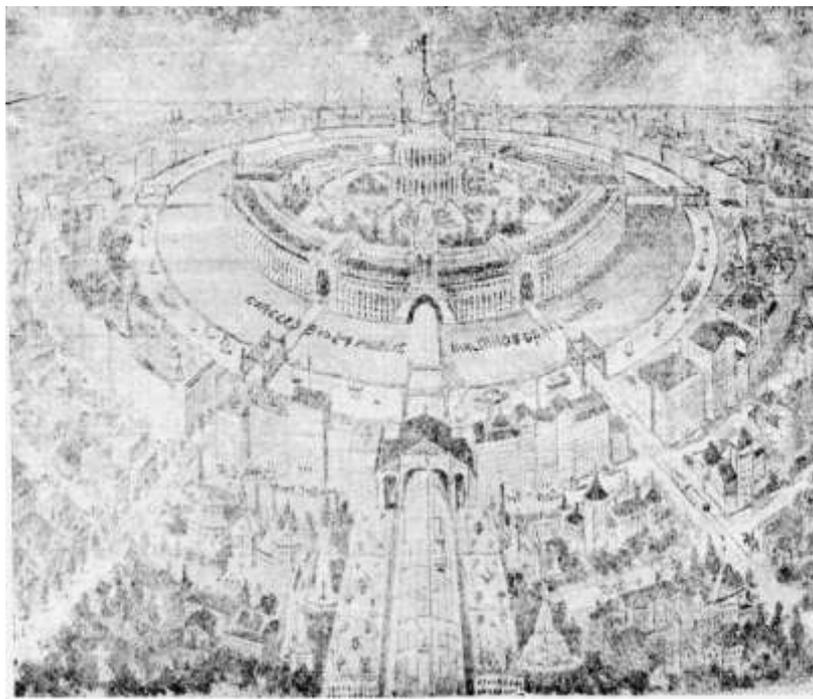
O periódico afirma que João Candido Ferreira, então presidente do Estado do Paraná, respondeu ao Dr. John Albertus, e se mostrou favorável, inclusive enviando “(...) apontamentos, informações detalhadas da parte occidental daquele Estado (...)”.⁴⁸ O resultado obtido foi, segundo o jornal, espantoso, pois o Dr. Albertus conseguiu, antes de partir, organizar uma sociedade de três mil colonos prontos para partir de imediato.⁴⁹ Foi publicada, na edição no dia 5 de março de 1911, até mesmo uma imagem das Sete Quedas de Guaíra acima dos escritos, e logo abaixo outra imagem, com a legenda *Um grupo de colonos prontos a se transportarem para o Brasil*. Essa edição não deixou evidente o que teria acontecido com os colonos, porém, devido aos pedidos dos leitores do jornal, uma semana depois, publicou outra notícia com o mesmo título, *20.000 colonos da America com 1.000 dollars ouro ou 20.000.000 de dollars desejam vir para o Brasil - Um projecto grandioso de colonização - Cidade modelo*. E abaixo estava exposta a representação da cidade modelo.

46 20.000 COLONOS da America com 1.000 dollars ouro ou 20.000.000 de dollars desejam vir para o Brasil - Um projecto grandioso de colonização - Cidade modelo. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 05 mar. 1911.

47 Idem, p. 7.

48 Idem, p. 7.

49 John Albertus escrevera também dois livros sobre o assunto e recebeu cerca de 20.000 cartas de pessoas interessadas. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 05 mar. 1911.

Figura 1 - A Cidade Modelo, *A Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 12 mar. 1911.

A figura, aos olhos do historiador, remete em primeiro momento aos traços do Arco do Triunfo, em Paris-FR. As ruas delineadas segundo as teorias sanitárias de circulação dos ares, águas e esgotos na cidade faziam parte da representação evidenciada pelo periódico.⁵⁰ Cidade com boa circulação, sem obstáculos, com sistemas de tubulações subterrâneas, ruas largas, grandes praças arborizadas eram o exemplo a ser seguido em várias partes do mundo, especialmente nas grandes capitais da Europa. No Rio de Janeiro, o Prefeito Pereira Passos foi um grande seguidor de Haussmann.⁵¹ Grande exemplo para essa assertiva foi o evento conhecido como ‘Bota-Abaixo’, que reestruturou toda cidade do Rio de Janeiro, então capital e espelho do país. Assim, reassegura-se que, durante o governo de João Candido, outra cidade, para além de Curitiba, foi imaginada como cidade-modelo.⁵² Era o plano de cidade do lado ocidental do Estado, de colonização norte-americana e escandinava, que enchia de expectativas o Governo de João Candido Ferreira.

O jornal *Vestkusten*, de 05 de maio de 1902, havia dado detalhes de tal projeto, que se assemelha à representação da cidade-modelo exposta (figura 1).

50 Segundo Barbara Freitag, em seu livro *Teorias da cidade*, esse projeto de modernização de Paris foi posto em prática pelo Barão Haussmann. Georges Eugène Haussmann (1809-1891) foi um administrador e político. Este não pode ser caracterizado nem como teórico da cidade nem como urbanista ou planejador, já que essa especialização inexistia nesta época. FREITAG, Barbara. *Teoria das Cidades*. Campinas (SP): Papirus, 2006. p. 56.

51 BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101387/pereira_passos_haussmann_carioca.pdf Acesso em: 08 nov. 2016.

52 PIETTA, Op.Cit., 2015.

Essa nova sociedade feliz será construída e desenvolvida em um lugar agradável e pitoresco ao lado de um rio na América do Sul. Uma cidade será erguida com um grande templo no centro, de onde as vias vão se bifurcar como os raios de um círculo. Os colonizadores vão se fortalecer depois do trabalho do dia com atividades intelectuais. Eles oferecerão palestras, música, canto, brincadeiras e distrações inocentes, estudos em uma rica biblioteca. Eles terão seu próprio barco a vapor no rio e receberão um bom pagamento para seu trabalho. Qualquer pessoa já pode agora comprar ações nessa empresa de muito potencial e será garantida um lucro de 10 por cento no capital investido.⁵³

Chamam atenção dentro da colônia as atividades intelectuais como palestras, música e canto, além da uma biblioteca para estudos; informações estas que não constam em outros periódicos. Havia também restrições para algumas profissões liberais e outras ligadas à segurança pública, tão populares na sociedade do capital.

Todas as profissões e ocupações serão representadas com algumas exceções. Nenhum advogado, xerife, juiz, jogador [de azar] ou policial será tolerado dentro da colônia. Uma regulamentação sábia, já que parece ser assim em nossas sociedades, que jogadores, que geralmente são conhecidas como escórias, muitas vezes têm suporte dos protetores e conservadores da lei, e por isso aparentemente é mais sábio excluir a eles também, no caso que se quer evitar ter a sociedade pestilenta de jogadores.⁵⁴ [grifo nosso]

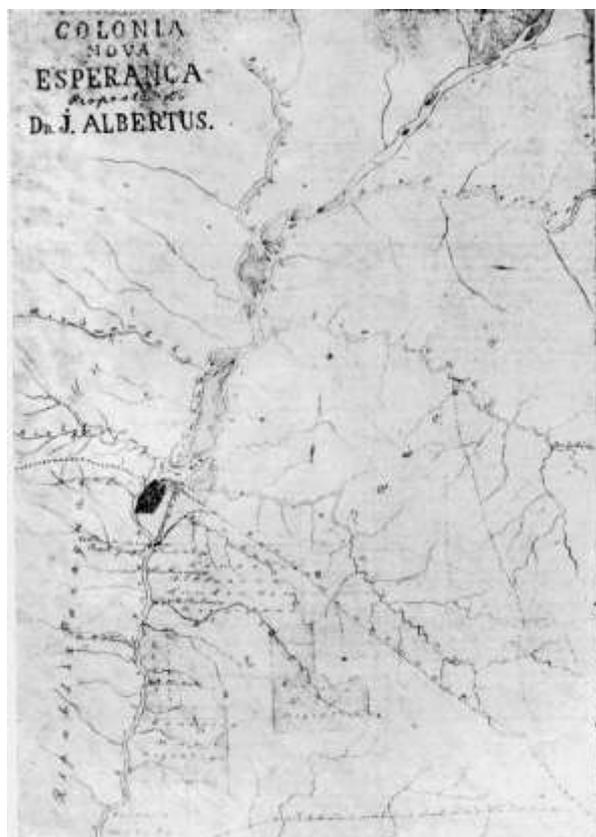
Eis algumas das utopias emplacadas no projeto de colonização. Uma sociedade livre de advogados, xerifes, juízes, policiais e jogadores – tudo indica que faz referência a jogadores de jogos de azar. Estes seriam, ao ver dos projetistas da colônia, um grande mal da sociedade em que viviam, ou nos termos do autor, uma “sociedade pestilenta de jogadores”. O autor do texto citado, que havia se encontrado pessoalmente com o Sr. Albertus, relatava que todos os interessados deveriam entrar em contato com o projetista, e que ao contar a história a sua esposa, ela afirmou: “*Det blir ju ett riktigt paradis*” - “Será um paraíso de verdade”.

John Albertus apresentou ao Governo do Paraná até mesmo um mapa com o planejamento da colônia:

53 VESTKUSTEN, Op. Cit., p.1, 08 mai. 1902.

54 VESTKUSTEN, Op.Cit., p.1, 08 mai. 1902. Alla yrkesgrenar och sysselsättningar komma att bli representerade med vissa undantag. Inga advokater, sheriffer, domare, spelare eller polismän komma att tålas inom kolonien. En vis förordning, eftersom det synes höra till ordningen i våra samhällen, att spelare, som allmänt äro erkända för att vara ett pack, oftast hållas om ryggen af de uppräknade lagens väktare och upprätthållare, hvadan det synbarligen är klokast att utestänga dem också, ifall man vill slippa att få samfundet förpestad af spelare.

Figura 2 - Colônia Nova Esperança - proposta do Dr. J. Albertus. A IMPRENSA, Rio de Janeiro, p.5, 22 mar. 1911.



A confecção do mapa possivelmente foi produzida a partir dos dados enviados pelo secretário de Obras Públicas, Francisco Beltrão. Demonstrando outros detalhes, o periódico *A Imprensa*, de 22 de março de 1911, afirmou que o plano de Albertus era construir tal cidade modelo “(...) nas ruínas da “Ciudad Real”, antiga capital das missões dos jesuítas em La Guaira”.⁵⁵ Esta antiga capital espanhola se posicionava entre os rios Pequiri e o Paraná. A imagem da cidade-modelo (figura 1), no entanto, conforme relatou o jornal, dizia respeito a uma fotografia da cidade a ser construída no Colorado e que seria edificada nessa colônia utópica.

55 *A Imprensa*, Rio de Janeiro, p.5, 22 mar. 1911.

A respeito das reduções jesuíticas e incursões bandeirantes no território paranaense do séc. XVII, ver mapa 10 - Fundações Jesuíticas indígena do Guairá, situado em FREITAG, Liliiane. Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re)ocupação. Franca: UNESP, 2007. p.71. Nesse mapa, Ciudad Real era, junto de Villa Rica, os únicos núcleos de povoadamentos espanhóis no território paranaense. Havia 15 reduções jesuíticas, S. Maria, Cobacabana, Siete Arcamoeles, S. Tomás, S. Paulo, Encarnación, S. Antonio, S. F. Javier, Jesus Maria, S. Miguel, N. S. de Loreto, S. José, S. Ignacio. Após o episódio de destruição das reduções jesuíticas efetuada pelas bandeiras paulistas - com exceção de Loreto e San Ignacio -, referenciados por Antonio Ruiz de Montoya, em *Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus, en las Provincias del Paraguay, Parana, Uruguay y Tapeas* (Madrid: Imprenta del Reyno, 1639.), nenhuma das treze reduções jesuíticas foram reconstruídas ou recuperadas nos chamados sertões. Freitag infere que enquanto "sertões do Iguassu", o Guairá não foi de interesse à política ultramarina portuguesa, porém, durante o Governo Imperial, criou-se em 1888 o espaço chamado Colônia Militar de Foz do Iguaçu. Idem, p. 71.

O projeto e suas consequências

Entretanto, o que aconteceu com esse projeto de imigração e colonização? O periódico *A Imprensa*, do dia 12 de março de 1911, trouxe à tona toda dinâmica do episódio. Personagens como Joaquim Nabuco, Ministro de Estado das Relações Exteriores, Miguel Calmon du Pin, Ministro do Estado da Viação, João Candido Ferreira, Presidente do Estado do Paraná e Gonçalves Junior, Diretor do Povoamento do Solo tiveram papéis cruciais.

Há indícios que quem apresentou toda documentação acerca da colonização no Brasil foi Joaquim Nabuco, residente então em Washington. Quando da chegada ao Rio de Janeiro, John Albertus trouxe em companhia sete engenheiros e técnicos. Recebidos pelo Dr. Gonçalves Junior, diretor do Povoamento do Solo, foi-lhes aconselhado ir diretamente ao Paraná e conversar com o então Presidente do Estado em exercício, João Candido Ferreira, que tudo com facilidade conseguiria. Chegados a Curitiba, foram atendidos por João Candido, que surpreendeu o Dr. Albertus, dizendo que, primeiramente, o projeto deveria ser levado a conhecimento do Dr. Miguel Calmon, representante federal do governo. Apesar do “(...) desagradável equívoco de Gonçalves Junior”, nas palavras de John Albertus, pois este havia aconselhado erroneamente toda sua equipe, asseverou ao jornal *A Imprensa*:

O dr. João Candido Ferreira, que realmente mostrou o máximo interesse pelo nosso projecto, vendo o engano commettido pelo director do Povoamento do Solo, prontamente ofereceu-se para tirar-nos do embaraço em que nos achávamos, conseguindo que o seu secretário de Obras Publicas nos auxiliasse na organização de um petição a Assembléa do Estado, pedindo as terras que desejávamos, o que era indispensável, visto o presidente não estar autorizado por lei a conceder tão larga extensão do território do Estado.

Assegurando-nos que empregaria toda a sua bôa vontade em conseguir que a petição fosse votada pela Assembléa, convencidos ficamos de que finalmente tudo se arranjaria satisfatoriamente e telegraphamos á nossa Companhia, pedido mais pessoal, dando como ponto de encontro a Colonia Militar de Iguassú assim mais homens nos foram enviados.

Chegados a Iguassú, depois de considerável demora, recebemos a desastrosa noticia de que o presidente havia sido demitido e que a Assembléa do Estado nenhum conhecimento havia tomado da nossa petição. Póde-se imaginar em que consternação nos lançou tal noticia. Tivemos de abandonar tudo, fazer regressar o nosso pessoal e começar tudo novamente.⁵⁶

56 *A Imprensa*, Op. Cit., p. 5.

Assim, lança-se a dúvida se foi somente o golpe de Estado sofrido por João Candido Ferreira⁵⁷ que barrou a vinda dos imigrantes norte-americanos e escandinavos. Não haveriam outros porquês? Parece-nos que houve um grande empurra-empurra entre Governo Estadual e Federal para a vinda desses imigrantes. Nossa primeira hipótese remonta à possibilidade desses imigrantes serem protestantes, tendo em vista que o governo republicano tinha grandes interesses em formar uma nação branca e, sobretudo, católica.

Examinando o periódico paranaense *A Notícia*, de 28 de novembro de 1907, revelou-se uma outra hipótese. Ao relatar que os imigrantes ligados à *Universal Cooperative Brotherhood*, chefiada por John Albertus, tinham a permissão do Dr. Miguel Calmon, e que pareciam “tratar-se de agricultores comunistas ou mórmons, havendo entre eles um italiano que conhece o Paraná, onde já residio.”⁵⁸. Ou seja, há a possibilidade de que ser comunista ou mórmon seria outro empecilho ao projeto de nação da República Velha e, por este motivo, deveriam ser barrados.

As explicações para a recusa de tal projeto no Paraná remontam a duas hipóteses: a degola do Presidente João Candido, que se interessava pelo projeto, e a possibilidade de os imigrantes serem comunistas ou mórmons. O primeiro, de configuração estadual; o segundo, de intervenção federal. O exame do jornal *A Imprensa*, na data de 22 de novembro de 1908, e do jornal *O Paiz*, de 26 de novembro de 1908, revela que o requerimento do projeto de colonização do Dr. John Albertus foi indeferido. O primeiro jornal afirmava que o indeferimento partiu do Ministro da Indústria. Já o segundo periódico sustentava que mesmo com a visita do ministro da Rússia, o conde Mauricio de Proozor, que havia visitado o Ministro da Viação, Miguel Calmon, e apresentado o Sr. Albertus, que em tempo relatou acerca do plano de colonização. O projeto de John Albertus, no entanto, “não foi julgado vantajoso pelo governo”. Em janeiro de 1909, a proposta de instalação de núcleos industriais já constatava como despachada no Ministério de Viação.

A revista *O Olho da Rua*, famosa por humor e sátira, em 12 de outubro de 1907, trazia um conflito interessante para nossa análise. Trata-se de um texto intitulado *Manifesto pulitico ao Dotô João Candido, futuro Governadô do Istado do Paraná*. Assinado com o pseudônimo *Cumpadre Candinho*, o texto fazia duras críticas à política efetuada por João Candido Ferreira. Começava justificando sua intenção, na qual esperava ser lido pelo Governador. A fala do “Cumpadre Candinho” evidenciava todos os cargos já ocupados por João Candido Ferreira, Vereador da Câmara, Deputado

57 Em 1908, João Candido era eleito Presidente do Estado do Paraná, junto do seu Vice-Presidente e também cunhado Ottoni Maciel (1908-1912). No entanto, sofreu um golpe de Estado que ficou conhecido dentro da historiografia paranaense como “Degola”. Esta era uma prática política recorrente na República Velha, que segundo Dagostim consistia em um mecanismo de não reconhecimento de diplomas pelo Congresso Legislativo, que somada a outras práticas de manobras fraudulentas modificavam o espaço político. DAGOSTIM, Maristela Wessler. *A República dos conselhos: um estudo sobre a transformação do perfil da elite política paranaense (1930-1947)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - UFPR. Curitiba, 2011.

58 A NOTÍCIA, Curitiba, p. 2, 28 nov. 1907.

Estadual, Deputado Federal, e com exceção de Senador, cargo no qual poderia lançar projetos de lei que tivessem maior amplitude. O pseudônimo parece querer incomodar João Candido, falando de sua trajetória e de suas falhas e ausências. As palavras que seguem na citação são relativas a um projeto que João Candido aparentemente não pôs em prática, ou foi completamente contrário. Relatava a narrativa:

Finarmente a minha maió idéia, o meu maió projeto, é apresentá as vantaje do amor livre, pra dá impurço a grande idéa de V. S. no puvuamento do çolo. E isto eu consigo, inda mais que o Rui Barboza anda la pello istrange, e elle é o único que pôde fazê dá azá. Essa é tarvez a idéa que vai me fazê trabaiá com mais vontade. E'muito milhó, seu Dotô, que se puvue o çolo com filho do paiz mesmo, do que, que se esteje a importa, o allimão marcriado; o italiano maroto, o pulaco istupido e finarmente, o hispano, seu Dotô, o maió peculatório do mundo; isto eu digo, seu Dotô, já cum réiva. Eu quando estive na terra desses safardana, eles pintarão o sête cumigo, só purque eu éra brasileiro. (...)

Pois é, seu Dotô, eu já lhe fiz as minha preposta agora quero que venha as resposta.⁵⁹

Rui Barbosa parecia ser um entrave ao projeto de nação indagado pelo “Cumpadre Candinho”. Rui Barbosa era um defensor do branqueamento nacional e da entrada de levas de imigrantes europeus, sendo favorável ao projeto de John Albertus no Paraná. E o projeto entabulado pelo pseudônimo Cumpadre Candinho evidenciava o povoamento e a colonização do país por meio dos povos que no Brasil já estavam estabelecidos. Era, portanto, nacionalista e protecionista da mão de obra e bem-estar nacional. Tudo indica que a narrativa publicada na revista *O Olho da Rua* era favorável à redistribuição de terras produtivas aos negros, índios e variados imigrantes que já haviam aportado no país, e mostra-se favorável ao que chama de ‘amor livre’. Termo curioso, que se acredita ser a relação ampla entre as diversas etnias, ou seja, a miscigenação ou o projeto de colonização comunista, que por diversas vezes foi relacionado à utopia e ao amor livre. A relativa aversão à chegada de imigrantes – como o alemão, chamado de malcriado, o italiano, chamado de maroto, o polaco, chamado de estúpido, e o espanhol, chamado de maior peculatório do mundo – demonstra como se daria seu projeto de nação. É um discurso que vai na contramão do que geralmente lemos em diversos intelectuais. O pseudônimo Cumpadre Candinho parece também expor um projeto de nação utópico, e que ia de encontro aos projetos de Brasil.⁶⁰

59 MANIFESTO pulítico ao Dotô João Candido, futuro Governadô do Istado do Paraná. *O Olho da Rua*, Curitiba, anno I, n. 13, p. 12, 12 out. 1907.

60 Encontramos um projeto deste gênero, que sai em defesa do trabalhador nacional em Alberto Torres, Araripe Júnior, Manuel Bonfim e Joaquim Nabuco. Na literatura, Machado de Assis fez duras críticas ao racismo científico. SCHWARCZ, Lilia Moritz. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 254. Edgar Roquete Pinto e Arthur Ramos são cientistas que também começam a distanciar-se do racismo científico. Tucci Carneiro acrescenta os nomes de Afonso Celso de Assis Figueiredo Jr. e Paulo Prado. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Preconceito Racial: Portugal e Brasil-Colônia*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 31

Novas tratativas, negociações com os governos e a fama de farsante

O jornal *The San Francisco Call*, do dia 02 setembro 1907, demonstrava a existência de um conflito entre o presidente Albertus e um finlandês chamado Pankowicz. Intitulado “Fundador da nova Utopia é caçado por sujeito irado que queria seu dinheiro de volta”. Segundo o jornal, Pankowicz chamou o plano de colonização de enganação e o promotor de vigarista. Naquele momento, o jornal afirmava que a fraternidade tinha um olho no canto nordeste da Argentina, e impacientes ainda habitavam San Francisco, esperando pelo êxodo para Esperanza - nome da futura cidade. Naquele dia, o grupo de colonos havia se reunido em frente à Praça de Jefferson, para fazer uma fotografia com sua bandeira a tremular.

Figura 3- Nova Utopia na Argentina.



No mesmo dia, houve uma palestra proferida por J. de C. Hathaway, um colega colonizador que falou a respeito dos “Os direitos da mulher do ponto de vista do pensamento novo”. No entanto, houve uma crítica severa por parte de Pankewicz, que acusava o plano de fraudelento. Segundo o crítico, “Ele [Albertus] diz que tem uma concessão de 1.000.000 hectares (...) mas eu olhei a lei e sei que o governo não concederá mais de 100.000 hectares para qualquer Colônia e exige uma fiança de US \$10.000, antes de fazê-lo”. Além disso, Pakewicz relatava que Albertus tinha operado na Finlândia durante duas semanas e reuniu cerca de duzentos colonos interessados no

projeto, que foi barrado pelo Governo Russo na sequência.⁶¹ Albertus, segundo o jornal, se defendeu das acusações categoricamente, mostrando cartas de colonos finlandeses na Argentina para refutar a afirmação de que o Governo Russo havia quebrado seu plano. Exibiu como prova cartas do Presidente da Argentina e do Governador de Misiones. O jornal finalizava o texto afirmando que os utópicos tinham “Uma visão da riqueza e da liberdade em uma terra desconhecida” que enchiam seus olhos e eles mais nada viam — “nem até quase certas falhas, que sempre perseguem os esquemas utópicos. Eles pagam seu dinheiro com prazer e desprezam todos que duvidam...”⁶²

Em 30 de julho de 1908, o periódico *The San Francisco Call* trazia mais informações a respeito da cooperativa. Tudo indica que as dificuldades impostas pelo governo brasileiro fizeram com que a cooperativa aumentasse seus rols de possibilidades para a colonização, abrindo espaço para áreas do Paraguai. Intitulado *Albertus Decamps with Society's funds: Head of Universal Co-operative Brotherhood Charged With Taking \$ 7,000*, o texto evidenciava em John Albertus um possível farsante.

John Albertus, head of the Universal co-operative brotherhood of San Francisco, whose visionary schemes for colonizing Paraguay were exposed in *The Call*, is charged with decamping from the colony with \$7,000 of the funds of the brotherhood. The accusation is made in Boston by Frank Thompson of Philadelphia. A press dispatch was received in this city last evening from Boston stating that Mevin Peregrine of San Francisco and Harry Huebner and Frank Thompson of Philadelphia arrived there on the steamship *Hostilius* from Buenos Ayres. All three men declared that they were victims of fraudulent enterprises.

Peregrine said that he was one of a party of 43 men who set out for South America two years ago on a co-operative proposition. The concern was known as the South American lumber company and the investors subscribed \$30,000. At Santa Clara, Paraguay, about 100 miles from Rosario, they cut 200,000 feet of hardwood. Peregrine alleges that F. D. Prindle and Dr. Foster, an American in Asuncion, contracted to sell the lumber, but the company was defrauded out of its share in the proceeds and many of them are destitute in South America.

Thomson and Huebner were with the Universal co-operative brotherhood. Thompson charges that Albertus decamped with \$ 7,000 belonging to the colony.⁶³

O texto indica que no Paraguai um grupo que se aliou a Albertus foi vítima de uma ação fraudulenta. Segundo a acusação, John Albertus teria fugido com 7.000

61 Desde 1809, a Finlândia era pertencente à Rússia, como um estado autônomo - tendo moeda e sistema de correio próprio -, conseguindo sua independência em 1917.

62 *The San Francisco Call*, São Francisco, page 1, image 1, 02 set. 1907.

63 *The San Francisco Call*, Page 5, Image 5, 30 jul. 1908. Disponível em: <http://chroniclingamerica.loc.gov/> Acesso em: 14 set. 2016

dólares que pertenciam à Irmandade. O dinheiro fazia parte de lucros advindos do corte e da venda de madeira na cidade de Santa Clara, no Paraguai.

No Brasil, o nome de John Albertus circulava pelos periódicos nos anos subsequentes, com novas propostas e muitas críticas. Em 03 de junho de 1908, o jornal *O Paiz*, trazendo informações publicadas no jornal *O diário Popular*, de São Paulo, afirmava que Albertus, juntamente com Dr. Alberto Loefgren, cônsul da Suécia, havia sido bem recebido pelo governo paulista. Os colonos, segundo o jornal, eram de origem escandinava, finlandesa e alemã, “todos dispostos a deixar os Estados Unidos para se colocarem no Brasil”.⁶⁴ O jornal trazia importante informação a respeito dos brasileiros na colônia utópica, que aceitaria até 25% de sócios nacionais. John Albertus havia visitado naquele estado as colônias de Nova Odessa, Jorge Tibiriçá e Nova Europa. Nesse texto, a figura de Albertus é seguidamente exaltada, como sendo um correspondente de vários jornais do norte da Europa e da América. Em 09 de junho de 1908, o periódico *The Brazilian Review* trazia as mesmas informações, no entanto, publicado em língua inglesa, visando a uma maior publicidade⁶⁵

Novas tratativas se mantiveram no ano de 1910 e 1911, como foi visualizado em uma publicação da *Gazeta de Notícias*, em 21 de dezembro de 1910, na qual dirigia ao Ministério da Agricultura uma representação propondo, mediante favores do governo federal, construir uma ferrovia econômica, de bitola de um metro, que saindo do Salto das Sete Quedas, no Alto Paraná, coloque essa parte do país em contato com o litoral, beneficiando a exportação de madeiras de lei (mogno) “(...) existentes em abundancia nas terras marginaes daquele rio; fundar nucleos coloniaes naquela região, comprometendo-se a povoal-os com 20 mil imigrantes, a estabelecer a navegação do rio Paraná, e aproveitar a força hidráulica da cataracta das Sete Quédas.”⁶⁶

O jornal carioca *A Notícia*, de 21 de janeiro 1911, no qual John Albertus requeria ao ministro da Fazenda a colonização “regular da zona banhada pelo rio Paraná, entre Itapura, Sete Quédas e Iguassú e confim do Brazil, para nelles construir uma estrada de rodagem para automóveis”.⁶⁷ Em 9 de fevereiro de 1911, o jornal *O Paiz* publicou, o pedido de John Albertus, para o aforamento das ilhas do rio Paraná desde Itapura a Sete Quedas, nos Estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, para colonização e outros fins civilizadores. Desse pedido, o ministro da fazenda despachou para que se dirigisse às respectivas delegacias fiscais do tesouro nacional.⁶⁸

Em 30 de maio de 1911, o periódico *The Brazilian Review* afirmava que John Albertus havia apresentado uma proposta para o Ministério Público do Trabalho para colonizar extensos distritos nos Estados do Mato Grosso, Paraná, São Paulo e Goiás.

64 PAIZ, Rio de Janeiro, p.02, 03jun.1908.

65 THE BRAZILIAN Review. Rio de Janeiro, p. 600, 09 jun. 1908.

66 GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p.1, 21 dez. 1910.

67 A NOTÍCIA, Rio de Janeiro, p. 1, 21 jan. 1911.

68 O PAIZ. Rio de Janeiro, p.1, 9 fev. 1911.

Solicitava a concessão de terras em pousio⁶⁹, o direito de utilização do poder hidráulico e estabelecimento de um serviço de barcos a vapor no Alto do Rio Paraná.⁷⁰ O pedido foi submetido ao Ministério da Agricultura para averiguação. Não há informações que revelem algo a respeito da aprovação ou não do projeto. Destarte, o silenciamento remete a uma negação do pedido.

No entanto, em 19 de abril de 1912, o jornal *Correio Paulistano* trazia a notícia de que o governo fluminense havia assinado um contrato com John Albertus, concedendo-lhe uma área de 1000 hectares de terras devolutas nos municípios de São Francisco de Paula, Santa Maria Magdalena e S. Pedro para colonizá-las, tendo um prazo de concessão de quarenta anos.⁷¹ Um mês depois, em 19 de maio de 1912, o mesmo jornal trazia em suas notas que Albertus propunha ao secretário da Agricultura de São Paulo uma celebração de contrato com o governo, a fim de prestar serviço de colonização.⁷² Porém, em uma Mensagem do Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Francisco Chaves de Oliveira Botelho, tornou o contrato de colonização caduco. A justificativa foi o não cumprimento das disposições constantes do contrato pela parte de John Albertus.⁷³

Tento em vista as tentativas frustradas de colonização, verificamos que John Albertus mudou o foco da localidade e passou a propagandear em um jornal de Chicago. O periódico *The day book*, de 20 de janeiro de 1913, publicou um texto que trazia outro projeto de John Albertus no Brasil, agora vinculado a uma outra organização: a *Order of Righth Fellows* ou Ordem dos Companheiros de Direito. Intitulado *Investigando planos de um novo sonho de cidade*, o texto falava a respeito do descontentamento de “milhares de almas” por todos os Estados Unidos da América que tinham se interessado por um recente projeto que visava ao estabelecimento de uma utopia em uma parcela de terra no Brasil.⁷⁴ No entanto, esse foi o fim de uma longa jornada de tentativas de colonização por parte de John Albertus no Brasil.

Considerações finais

Conforme apontamos durante o texto, o projeto reverberou pelos periódicos nacionais de forma diferenciada. Alguns a favor e outros contra. No entanto, o que trouxe tanto medo por parte dos governantes e da imprensa em relação a essa colônia baseada no auxílio mútuo, trabalho comum e direito igual nos lucros da colônia? Há evidências para afirmar que ser comunista seria uma resposta. O modelo de sociedade

69 Pousio é um termo que se refere à terra abandonada e sem ser lavrada.

70 THE BRAZILIAN Review. Rio de Janeiro, p.536, 30 mai. 1911.

71 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p.2, 19 abr. 1912.

72 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p.1, 19 mai. 1912.

73 MENSAGEM à Assembleia Legislativa na 2ª Sessão Ordinária da 8ª Legislatura pelo Presidente do Estado Dr. Francisco Chaves de Oliveira Botelho, em 1 de agosto de 1914, p. 155.

74 Investigando planos de um novo sonho de cidade. Chicago The day book, de 20 de janeiro de 1913.

perseguido pela intelectualidade da Velha República dizia respeito a uma sociedade do capital. Tanto que os maiores exemplos da própria forma de colonização e avanço sobre o território eram Estados Unidos e Argentina. No entanto, a existência de um discurso religioso, classificando-os como mórmons pelo jornal *A Notícia*, seria outro empecilho ao projeto de nação da República, sobretudo de uma nação católica e, por esta causa, seriam barrados. Outra explicação remonta-se na crítica ocorrida ao modo de colonização, como uma empresa que dividiria os lucros entre os associados. O governo alegava certo prejuízo em relação a tal introdução pela questão da navegação no Alto Paraná, uso do potencial hidrelétrico, bem como dos potenciais naturais. Nesse caso, pensando economicamente não era vantajoso para o governo brasileiro pela questão da isenção de impostos sobre as exportações, apesar que, durante todo o fim do século XIX e início do XX, várias eram as empresas estrangeiras e nacionais que trabalhavam nas *obrages*.⁷⁵ Há a hipótese de J. Albertus ter usado o álibi do grande terremoto em Los Angeles como forma de colocar em prática seu projeto socialista com imigração espontânea e aproveitado todos os lucros advindos de tal projeto.

Em 18 de setembro de 1911, o jornal *O Paiz* publicou o texto *A Hansa*, de autoria Curvello de Mendonça, que, indignado com o governo brasileiro por não se interessar por projetos particulares de colonização, enviou uma carta de reclamação a Gonçalves Junior, então diretor do povoamento do solo.⁷⁶ Em 22 do mesmo mês, Gonçalves Junior respondeu à carta, publicando-a no mesmo jornal. Nesse texto relativizou alguns projetos particulares e falou em especial dos pedidos de John Albertus, que conheceu por meio de um artigo publicado no impresso *Jornal do Commercio*, de 16 de agosto do 1911. Intitulado *Como se encara a colonização no Brazil*, o artigo segundo Gonçalves Junior revelava que o texto

so por si, deixa ver o absurdo da pretensão do articulista: concessão gratuita das terras devolutas existentes nos arredores da cachoeira das Sete Quédas, nas fronteiras do Brazil com o Paraguay, e do Paraná com o Matto Grosso; aproveitamento da força da cachoeira das Sete Quédas; navegação do Alto Paraná; concessão gratuita das terras que constituem o próprio. Nacional de Itupura; isenção de direitos, etc, tudo isso sem nenhuma garantia efetiva, para o mesmo senhor fundar colônias comunistas e outras.⁷⁷

75 [...] típica de regiões cobertas de matas subtropicais em território argentino ou paraguaio. O interesse fundamental de um obragero não era a colonização em pequena ou média propriedade, nem o povoamento de suas vastas terras. Seu objetivo precípua era a extração de eva-mate nativa da região, bem como da madeira em toros, abundante na mata subtropical. WACHOWICZ, Rui C.. *Obrageros mensus e colonos: história do oeste paranaense*. Curitiba: Vicentina, 1987 apud FREITAG, Op.Cit., p. 58. Freitag cita as Companhias Cia Argentina de Navegacion, Cia Mercantil y Transporte Domingos Barthe, Nunes Gibaya e Juan B. Molla, a brasileira Matte Laranjeiras, a inglesa Fazenda Britânia. FREITAG, Op.Cit., p. 58-59.

76 MENDONÇA, Curvello de. *A Hansa*. *O Paiz*, p. 1, 18 set. 1911. Curvello de Mendonça era favorável a vinda do projeto de J. Albertus. Para ele, o departamento brasileiro de colonização visava impedir o progresso e o desenvolvimento econômico. MENDONÇA, Curvello. *O Problema da Colonização*. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p.1, 25 set. 1911.

77 Idem, p.6.

Em momento de nacionalismo exacerbado, o projeto de John Albertus aparentou ser, para a administração da colonização brasileira, apenas um pedido absurdo, repleto de isenções, gratuidades e falta de garantias. Além do mais, na visão do diretor de povoamento do solo, os imigrantes eram meros comunistas.

A proteção ao trabalhador nacional pode ser considerada uma das justificativas para a recusa pelo pleno de Albertus. Durante o ano de 1912, o jornal *A Imprensa* publicou uma série de críticas ao governo e às negociações com o Sr. Albertus, com o título *Bastidores do Ingá*. Conforme afirmou o jornal do dia 30 de maio de 1912, “enquanto os fluminenses gemem debaixo de uma carga de impostos que lhes arranca o couro, o governo do honrado sr Oliveira Botelho isenta de impostos os futuros estrangeiros que o sr. Albertus trouxe para a sua colônia”.⁷⁸ Tais taxações incluíam impostos territoriais sobre a pequena propriedade, de indústria e de profissão agrícola e de exportação, além de taxas altíssimas de fretes em estradas de ferro. Havia também a acusação de que os novos colonos seriam grandes privilegiados em relação aos nacionais, “que padecem de fome” e têm sua liberdade “atrofiada pela polícia, que entende que ser fluminense é ser escravo dos potentados do dia.” O jornal do mesmo dia, em título *Outro contrato interessante*, em tom de indignação relatava que o “little John” ou John Albertus – que parecia ser até mesmo um pseudônimo, “a quem não prestaram ouvidos no Paraná” – era por demais favorecido pelo governo do Rio de Janeiro.⁷⁹

Em 31 de maio de 1912, o jornal *A Imprensa* acusava o projeto utópico dos norte-americanos de ser “um pretexto para fazer no Brasil o que fizeram em Cuba e no México”, mas também no Panamá. O jornal acusava ainda o grupo colonizador de gananciosos intermediários, que ganhariam um “dinheirão à custa da dignidade do Brasil”. E termina afirmando que “há muito tempo que eles querem meter o bedelho no Brasil”.⁸⁰ Portanto, acreditavam que tal negociação de terras seria a venda do Brasil aos americanos.

Em 17 de novembro de 1912, *A Imprensa* evidenciou o equívoco do governo, que deu o direito de desapropriar 10.000 hectares de terra em S. Pedro d’Aldeia, sendo que tais terras não eram devolutas, existindo populações nacionais que seriam desalojadas de suas propriedades.⁸¹ Ademais, o texto refletia a respeito de outro projeto de Albertus no oeste do país, perguntando-se: constitui perigo para o país vender para sindicatos de outras nacionalidades enormes extensões de terras nos Estados limítrofes com potências estrangeiras como Paraguai e Argentina? A tônica da fala é de proteção

78 BASTIDORES do Ingá. A IMPRENSA, Rio de Janeiro, p. 6, 30 mai. 1912.

79 OUTRO contrato interessante: Como se esbanja o patrimonio do Estado. Estrangeiros não pagam impostos. A IMPRENSA, Rio de Janeiro, p. 6, 30 maio. 1912

80 BASTIDORES do Ingá. A Imprensa, Rio de Janeiro, p. 6, 31 mai. 1912.

81 BASTIDORES do Ingá. A Imprensa, Rio de Janeiro, p. 6, 17 nov. 1912.

nacional diante do estrangeiro desconhecido.

Se, por um lado, no Paraná, a Assembleia Legislativa vetou o projeto colonizador de John Albertus, por outro lado, no Rio de Janeiro, o Governo Estadual cedeu a um projeto semelhante. No caso paranaense, a aristocracia que estava legislando não queria abrir mão de um território tão significativo para a futura economia do Estado. Mesmo não tendo condições de explorar a região, vetava por uma questão de política nacionalista protecionista.⁸² Vale lembrar que aquele território era, desde o fim do século XIX e início do XX, tido como um espaço vazio e inóspito, no entanto, motivo de disputa internacional entre brasileiros, paraguaios e argentinos, conforme relatou a historiadora Freitag, refenciando as chamadas *obrages* ao longo das margens do Rio Paraná.⁸³

A presença de norte-americanos, naquele momento tidos como expansionistas e imperialistas, conforme o periódico carioca *A Imprensa* acusou, gerava um conflito territorial internacional ainda maior. A presença norte-americana causava variadas preocupações sobre a hegemonia e os limítrofes territoriais brasileiros

Ademais, vale lembrar que o espaço territorial do oeste do Paraná e Santa Catarina foram objeto de litígio desde o período imperial. Primeiro, a chamada Questão de Palmas, entre 1890 e 1895, que colocava toda aquela região em conflito contra a Argentina. Em segundo lugar, o litígio secular na questão da fronteira com Santa Catarina, que se estendia desde antes da Emancipação da Província do Paraná, quando fazia parte da Província de São Paulo e se arrastou em negociações até 1916.⁸⁴ Houve ainda o caso da ilha das Sete Quedas, no Rio Paraná, disputada com o Estado do Mato Grosso no ano de 1913, que visava à venda ou arrendamento a particulares ou empresas.⁸⁵

Esses foram momentos de fortes investidas pela confirmação das fronteiras territoriais do Estado do Paraná. A chegada desse novo grupo dos imigrantes norte-

82 Em relatório de 1903, por exemplo, afirmava-se que os esforços do governo do Estado em arrecadar impostos sobre a exportação de erva mate e madeira pela fóz do Iguassú, na fronteira com a Argentina, tinham sido frustrados. Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado pelo Dr. Francisco Xavier da Silva na 2a Sessão da 6a Legislatura, em 1º de fevereiro de 1903, p.10.

83 FREITAG, Liliene. Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re)ocupação. Franca: UNESP, 2007. p.24.

84 No jornal paranaense *A República*, Romário Martins foi um intelectual que se dedicou na causa política em favor do Estado do Paraná, sendo um intelectual preocupado em criar uma identidade, atuando na questão da formação histórica do estado e o homem paranaense. Conforme Freitag (p.42), ao longo de sua trajetória, esteve comprometido a partir do recurso cartográfico, a fundamentar argumentos em prol da causa territorial paranaense. Freitag utiliza o mapa elaborado por Romário Martins em 1911 [1912] – data em que o Estado do Paraná perde o referido território contestado para o Estado de Santa Catarina – para refletir acerca dos objetivos de tal produção cartográfica que englobava todo o oeste de Santa Catarina como domínio do Estado do Paraná. Naquele momento, conforme Freitag inferiu, a proposta de criação do Estado de Missões serviu de prerrogativa para inibir a execução do parecer favorável ao Estado de Santa Catarina. FREITAG, Op.Cit., p. 42.

85 No relatório de 1913, outro litígio era posto à mesa da Assembléia Legislativa, uma ilha situada nas Sete Quedas. O Governo do Mato Grosso buscava arrendar as terras a um indivíduo ou empresa que se interessasse em aproveitar o potencial da força hidráulica das suas quedas. Além disso uma companhia de estrada de ferro, a São Paulo Rio Grande, pretendia requerer a compra da ilha no Rio Paraná. No entanto, essa ilha foi historicamente de São Paulo, e após a emancipação pertenceu ao Paraná, sendo que quem investiu na exploração e descrições para a construção dos mapas geográficos foi o Paraná. A partir de uma comissão formada pelos Srs. Dr. Ermelino de Leão e Coronel Romario Martins, foi elaborado uma memória, plenamente documentada que tomaria patente os direitos do Paraná sobre a ilha das Sete Quedas. Era portanto, outra questão de posse e domínio territorial que passava o Estado do Paraná. Mensagem enviada ao Congresso Legislativo do Estado pelo Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque ao instala-se a 2a sessão da 11a Legislatura, em 1 de fevereiro de 1913, p.8-9. John Albertus era inclusive um dos interessados na compra das ilhas, pois segundo o *Jornal do Commercio*, em 11 de maio de 1913, o Ministro da Fazenda despachou o processo que se referia a uma petição à Delegacia Fiscal no Paraná, na qual o John Albertus pedia novamente pelo aforamento das ilhas do rio Paraná, entre Itapura e Sete Quedas. No entanto não cabia ao Ministério decidir, somente em grau de recurso. *JORNAL DO COMMERCIO*, Rio de Janeiro, 11 mai.1913, p. 8.

americanos colocaria em dúvida a hegemonia do Estado sobre a posse territorial da fronteira. Temporalmente, as investidas de John Albertus se deram em momentos dos litígios territoriais, o que dificultou a aprovação do projeto de colonização utópica na região do Guáira.

Todas essas explicações são plausíveis na reflexão da não aceitação do projeto. No entanto, o jornal *O Paiz*, de 05 de dezembro de 1919, trazia as notícias de um jornal de Nova York, chamado U.P., que noticiava a prisão de um vigarista americano, Johan Albertus, fundador da sociedade Nova Esperança, por motivo de obtenção de dinheiro sob falsas pretensões. A pequena nota no jornal ainda explicava como aplicava o golpe, enviando circulares anunciando estabelecer um paraíso para aqueles que tivessem inclinação ao matrimônio, num pedaço de terra comprado por ele no Brasil. Esse foi o fim de John Albertus. Sua prisão ocorreu em Detroit e foi, segundo o jornal americano, enviado para prisão em Nova York.⁸⁶

Recebido em 11 de maio de 2018.

Aprovado em 13 de agosto de 2018.

86 PRISÃO de um vigarista americano. *O Paiz*, p. 2, 05 dez. 1919.